

# ave eva

adriano lobão aragão

© 2011 Adriano Lobão Aragão

---

Aragão, Adriano Lobão  
ave eva / Adriano Lobão Aragão. Teresina: dEsEnrEdoS, 2011.

ISBN 978-85-912217-1-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

---

[2011]  
dEsEnrEdoS  
[lobaoaragao@gmail.com]

[www.desenredos.com.br](http://www.desenredos.com.br)  
[www.adrianolobao.com.br](http://www.adrianolobao.com.br)  
[adrianolobao.blogspot.com](http://adrianolobao.blogspot.com)

ISBN 978-85-912217-1-4



9 788591 221714

## itinerário

os prefácios 03

§. α  
ave eva

entre folhas a parreira 05  
e planta a dança em arcanjos estáticos 06  
como o bronze de tua tez tecendo breve momento 07  
entre as formas reclinada 08  
o instante quando levantas 09  
em tua boca o contorno retoma 10  
sinto em teus seios a fêmea forma de teu ser 11  
teu perfil esfíngico de agreste ardor 12  
quando solto ao tempo teu cabelo 13  
a atenção que tua existência exige 14  
percebe-se embebido em tua pessoa 15  
breve universo submerso no olhar 16  
que gesto desvela o tempo 17  
música, quando calada 18  
a linguagem de teu olhar destrói a metáfora 19  
as vestes o corpo 20

§. ω  
reviver

a linha os ciclos 22  
sim, mas quem devolverá ao tempo 23  
e quando retorna a si a oferenda 24  
de anábase, minha fria dama 25  
odisséias 26  
herança 27  
terceto íntimo 28  
do dramaturgo racine conta-se esta infância 29  
das ruas deste outro país 30  
nenhum homem é sábio 31  
quando todos esperariam uma última homenagem 32  
os passos as sombras 33  
eis que liberto caminhante 34  
o que há de sensível 35  
a queda o voo 36  
os nomes as pedras 37

## os prefácios

§. α  
ave eva  
te assisto na nudez que desvela  
este íntimo diálogo cultivado  
num jardim de esquecidos anseios morais  
onde se morre de corpo e de alma  
em pequena vastidão de pecado e perdão

§. ω  
reviver  
a odisseia de cada dia despertar  
na inútil batalha de se perder  
e se me acompanha a lança em sangue adornada  
é dádiva da diva dama a quem se deva adorar

§. ∞  
em silêncio ecoa teu ardor de êxtase de dor e gozo  
enquanto marchamos solitários para longe dos paraísos reviver

ave eva

§. α

ave eva

## entre folhas a parreira

mas de tua tez aflora  
mais que evidente elegia  
de fruta e aurora

e uva talvez teus seios  
ou tua vulva  
que entre folhas a parreira  
sementes espalha

e de tuas mãos sobrepostas  
como se a si segurasse  
suavemente em essência

sendo o próprio pomo  
o que emana teu âmago  
em colheita inteira

somente em si

## **e planta a dança em arcanjos estáticos**

e planta a dança em arcanjos estáticos  
fácil arranjo de arpejo distante  
entre pétalas dispersas em maio

e dançam flores em cores estanques  
nesses arcanjos perdidos na luz  
que em escuro silêncio se cante

e canta cores em céu difuso  
entre pétala perdida no azul  
e dispersa pelo jardim escuro

este teu ser multiplicado encanto  
quando em silêncio planta o canto e a dança

**como o bronze de tua tez tecendo breve momento**

como o bronze de tua tez tecendo breve momento  
em leves traços movimento disperso em nitidez  
no gesto fugaz que teu olhar faz mudar de intento

ir embora toda paisagem emoldure teu ser  
e logo recomece sempre teu revelar-se esquivo  
e doe apenas o que neste instante se possa ter

o que há de finito se refaz em seu sentido mínimo  
e sozinho sinto tudo o que tua presença emana  
e preenche no tempo esquivo seu enlace íntimo

no lascivo idioma que consome tua eterna dança  
escrita que se decifra no bronze de tua tez

## entre as formas reclinada

assim deitada  
teu perfil revela  
não a púbis encoberta  
pelo corpo pelas costas  
entre as formas reclinada

mas pelas curvas de tuas ancas  
abre-se em ponto e ânsia  
a flor que dança em teus quadris  
no momento ainda que descansas

quem sabe das ânsias  
que reclama o corpo  
quando em perfil procuras  
a chave que propões guardar



## **o instante quando levantas**

o instante quando levantas te assiste em ânsia  
e dança o olhar que aproxima o gesto distante  
em medo em gana em gozo enquanto  
o encanto se derrama em tua boca

**em tua boca o contorno retoma**

em tua boca o contorno retoma  
em linha exata o mapa da minha sede  
onde refaço em incessante traço  
em tua língua a linguagem do desejo  
onde invento eternamente o labirinto em que me perco

**sinto em teus seios a fêmea forma de teu ser**

sinto em teus seios a fêmea forma de teu ser  
em suave curva em deslize sob o vestir sem esconder  
o sabor que em saliva infinda o provar e o querer

sinto em teu ser a forma de teus seios  
que atrai todo querer em ardores e desejos  
de em minhas mãos suavemente retê-los

**teu perfil esfíngico de agreste ardor**

teu perfil esfíngico de agreste ardor  
todo enigma se faz guardar  
no âmago que ora revela  
em linguagem e intento  
a líquida fala de teu lábio  
na incessante sede que meu membro  
em orvalho se busca aplacar

## quando solto ao tempo teu cabelo

quando solto ao tempo teu cabelo  
lado a lado em tua face outrora escorria  
estes tênues fios adornando um felino olhar  
e ainda que presos tendiam  
a deixar-se constantemente escapar

entretanto há sempre dança em teu cabelo escuro  
se por leve brisa perdura ou se agita  
com os ventos que aportam em maio  
como se de teus fios trançasse  
a teia de arabesco inevitável  
– a que um dia chamaria vida –  
em seu traçado de elegância e desalinho

## **a atenção que tua existência exige**

a atenção que tua existência exige  
não foge aos sentidos  
ainda que evitado o olhar  
e o imaginário sabor de tua pele  
que se doa somente ao mínimo tato

não foge aos sentidos saber  
o calor de teu ser  
escondido na distância  
de breve voz semi-susurro  
e tão tênue se impõem  
o perfume que tua presença abandona  
quando ausente se refaz  
inteiramente só

**percebe-se embebido em tua pessoa**

percebe-se embebido em tua pessoa  
que ver-te é verter-te plena  
em mistério que não se deixa penetrar

em embriagante tez  
que se desfaz no espírito do vinho que tens  
disperso em líquido delírio

escorrendo pela pele de teu ser

## breve universo submerso no olhar

breve universo submerso no olhar  
como se tragasse o narrador do amanhã  
no infinito oceano de um segundo

quando a musa se refaz em alcova escura  
transbordada no leito onde derramo  
o sêmen que do mar a deusa nasce

no breve universo submerso no segundo  
quando afogado no tempo inexato  
esvaíndo-se em leite sêmen solidão

revela-se à leve brisa da manhã



**que gesto desvela o tempo**

que gesto desvela o tempo  
tecido na linguagem dos teus sentidos  
escondidos no labirinto de tua forma  
felina esculpida no vento

## música, quando calada

música, quando calada  
em harmonia emana  
silencioso gesto  
de acorde delicado

e ausente, imagem se define  
sendo presença exata  
de imaginário traço  
em concreta abstração

e quando sem vestes se revela  
lindamente vestida  
de teu corpo somente  
dança imóvel teu ser

e sei desta invisível escultura  
deitada impressa no tempo  
que sempre única se faz  
querer e amar apenas mais

não sei qual lascivo arabesco  
tua morena pele esconde  
onde agora cego vislumbro  
a escura linguagem da luz

e se toca a minha a tua mão  
sei que teu passo acompanho  
ainda quando não ouça  
a vaga música em que danças

## **a linguagem de teu olhar destrói a metáfora**

a linguagem de teu olhar destrói a metáfora  
nostálgica do paraíso perdida na alegoria de uma luz lilás  
revolve a escrita em discretos gestos sem cor

pouco há de tua presença nas entrelinhas de um mesmo verso  
ou na solitária companhia das ausências esquecidas

## as vestes o corpo

sabei, senhora, que vi tuas vestes  
deixadas ao acaso pelo caminho que permeias  
entregues à suave brisa da manhã de abril  
o elegante vestido a simples saia  
alçados ao varal do tempo  
em que maduras tua nudez

que tecido, senhora, envolveria tua forma  
se para além da impura e bela matéria na qual encarnas  
nem teu corpo encobres a beleza extrema desnudada em tua tez

§. ω  
reviver

## **a linha os ciclos**

no silencioso percurso em que se perde o segundo  
os ciclos entrelaçam o tempo disperso  
entre os riscos da mão  
onde escondo a sombra  
do tempo que devolve seu gesto ao mundo

**sim, mas quem devolverá ao tempo**

sim, mas quem devolverá ao tempo as pegadas esquecidas no vento  
estas farpas colhidas há pouco guardadas na palma da mão  
em silêncio esta palavra grave que ecoa

## e quando retorna a si a oferenda

e o que saber de teu anseio entregue ao ventre e ao seio alheio  
[quando retorna a si a oferenda que há pouco somente sêmen seria?  
e que força haveria em teu sangue que não vê as marcas  
[de teu semblante impressas em um outro ser?  
e como artífice tenaz empenhas o obstinado ofício de reinventar-se  
[em imagem e semelhança na fêmea que empenhas  
e eis novamente em teus braços os traços que em ti afirmam  
[a perpétua condição de semeador  
e como impetuoso autor revisando a própria obra chega até si o desejo e a hora  
[de descartar o esboço feito outrora  
e eis que teu riso e tua mão se estendem apenas a um dos irmãos  
[para que corra o risco e o destino de existir em vão  
e que seja a mão que se ergue em fratricídio a mesma que jaz em suplício  
[e ambas as duas palmas de tuas mesmas mãos  
e o que saber de teu feito quando retorna a si a oferenda  
[que reafirma em teu filho teu genitor?



## de anábase, minha fria dama

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas  
onde o frio enrijece os nervos sem esfriar os desejos

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas  
o meu corpo caído em batalha nos campos gelados  
insepulto abandonado e minha alma repousando ao teu lado

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas  
o horror do sangue derramado em lança  
a vitória inútil que nem aos mortos alcança  
e a derrota gloriosamente estampada em soldado em criança

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas  
quando afio a lança antes da próxima última batalha  
quando ouço em conflito o eco de tua doce fala  
quando toco a tua mão que minha mão desarma  
quando em meu peito esqueço a arma que o inimigo encrava

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas  
o guerreiro que morre ao lado do próprio escudo despedaçado  
a capa aberta inerte a lança inútil caída o elmo desnecessário  
o rio que segue em neve em sangue em breve um outro rio alcançado  
de águas sangrentas eu trago estas lendas de remoto passado  
onde uma fria dama teria de seu eleito o retorno inesperado

## odisséias

aqui chegamos todos  
enfim

que não sabíamos  
quantas odisséias contém uma odisséia

esta que é todas as viagens  
do sutil olhar que se move  
ao balanço cotidiano do coletivo

àquela que a mão levanta em pedido de parada  
àquele que em família abandona-se em solidão  
e há léguas dali se desfaz

mas aqui chegamos todos  
enfim

ainda que não saibamos  
do rosto do pai o filho que tanto o procura  
e agora não há o que

e se não olhamos uns aos outros  
nesta sala de estar

é que enfim chegamos todos  
aqui

## herança

sei que habito entre bárbaros  
estes que há pouco aguardávamos  
e há muito estão entre campo e paisagem desta paragem  
posto que aqui não foram postos  
mas nasceram  
como se de longe trouxessem essa aversão ao que é tênue e lírico  
com o olhar cego  
por séculos e séculos além  
quando deles nascíamos e nasceremos

**terceto íntimo**

profundissimamente pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico  
este verso me causa repugnância análoga à ânsia que se escapa  
da boca de um hipocondríaco

## do dramaturgo racine conta-se esta infância

do dramaturgo racine conta-se esta infância  
de um romance pouco enobecedor  
e de claudelancelot o sacristão  
que de suas mãos retirou-lhe as profanas letras  
e as devolveu às chamas então

e que haveria em mãos outra cópia  
cuidadosamente lida e entregue ao sacristão  
que *também pode queimar esta agora*

## das ruas deste outro país

e se cesário verde tempo teve  
para ver paris antes de morrer  
nenhum verso acompanharia este passo

nem lisboa infecta nem dama do paço  
ou os poucos poemas agora vastos  
seguiram além da península cesário

que tempo teve de os ter escrito  
e quem sabe levá-los pelas ruas  
deste outro país desconhecido dos vivos

## **nenhum homem é sábio**

depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio e sabe que antes que a alma parta é preciso refletir sobre o bem e sobre o mal que se fez e que se faz e que receberá depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio e sabe que antes que a alma parta é preciso refletir sobre o bem e sobre o mal que se fez e que se faz e que receberá depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio e sabe que antes que a alma parta é preciso refletir sobre o bem e sobre o mal que se fez e que se faz e que receberá depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio

## **quando todos esperariam uma última homenagem**

quando todos esperariam uma última homenagem  
e longe bem distante deste bar onde entediado  
um copo de espuma repleto ergue

e esquece que longe dali caminha sozinho  
pela mesma calçada em que permanecia  
diante do próximo gole a esperar

e erguia portanto a indiferente saudação  
se cega ou surda não se sabe o que se vê  
posto que quando todos esperassem uma última homenagem  
é tempo de erguer-se e seguir alheio



## os passos as sombras

e submersa no ardor do meio-dia  
persiste sua sombra  
na mínima vastidão do que lhe resta  
do dia dividido em sóis

e no andar lento e apressado  
de transeuntes dribla no solo sujo  
sua umbra dispersa em multidão

abandonada sob sua imensa projeção  
vívida e imóvel passista  
ante o ardor de um meio-dia

## **eis que liberto caminhante**

eis que liberto caminhante  
por estes campos despejo  
a inútil lira dos passos  
cultivados em desprezo  
e ardor solitário caminho

pois se preza a música  
que o vento dispersa  
preso em teu cabelo escuro  
o silêncio pesa o encanto  
da vastidão vazia que escuto

## o que há de sensível

o que há de sensível em meu íntimo não se comunica  
ou se desdobra em gesto de inexata comunhão  
como parte deste rito dividido entre fome e compaixão

ou quando sozinho diante da própria frente principia  
outro desconhecido rosto sobreposto e bem mais inteiro  
no espelho partido ao peso do corpo em apoio na pia do banheiro

e não sei se serei eu em cada caco laminado ou no sangue em minha mão  
ou na face que exponho oposta ao riso que guardo na solidão  
que encontro nestas poucas paredes em que me perco

pelo óbvio labirinto pulsa na palma o caminho  
que meu íntimo não comunica ao que há de sensível

## **a queda o voo**

o que sei dos anjos se caídos ou suspensos  
se terríveis ou afáveis o que nem de mim sei  
se farei a devida lembrança do nome dos seus  
ou se terei os restos da herança do êxtase  
de santa teresa para além de toda delícia  
e delito que a linguagem atordoa não sei  
se no seio de cada ser ressoa o gozo  
suspenso no ínfimo instante do voo

## os nomes as pedras

deixai aqui nestas pedras o nome e a fábula  
daqueles que almejam a revelação  
para que o tempo os apague plenamente  
em sopro enigma e luz  
a mais cega das visões

comei e bebei com satisfação  
pelo bem que propiciastes em dias passados  
à espera da palavra e seus cavalos  
que árdios disparavam  
pela imensidão do verso

deixai também este verbo  
impresso em talhe na mesma pedra de seus nomes  
tu que és tantos e deixas tão pouco  
para que o tempo também esqueça entre as pedras  
a inútil memória do corpo

**Adriano Lobão Aragão** nasceu em Teresina, 1977. Fundador da revista literária *amálgama*. Em 1998, através do Concurso Novos Autores, recebeu o Prêmio Cidade de Teresina pelo livro *Uns Poemas*, publicado no ano seguinte pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Em 2005 publicou *Entrega a Própria Lança na Rude Batalha em que Morra*, pela Fundac. Em 2006 foi premiado pela Fundação Cultural do Piauí por seu livro *Yone de Safo*, publicado pela *amálgama* em 2007. Em 2009, publicou *as cinzas as palavras*. Participou das coletâneas *Versos Diversos* (Passos/MG), *Poetas do Brasil 2000* (Porto Alegre/RS) e *Estas Flores de Lascivo Arabesco*, poemas eróticos piauienses (Teresina/PI). É um dos editores do site lítero-cultural dEsenrEdoS ([www.desenredos.com.br](http://www.desenredos.com.br)).